

Dinâmicas que atravessam o jornalismo na contemporaneidade

José Eugenio Menezes

No contexto das transformações contemporâneas no universo da comunicação, a formação e a atuação dos jornalistas é um tema recorrente e necessário. Dentre os vários caminhos de acesso às questões em pauta, destacamos algumas com o objetivo de contribuir para o debate.

Os estudos da comunicação, entre os quais se inserem as pesquisas a respeito da formação e atuação dos jornalistas, estão marcados por dinâmicas e atravessados por vetores que ajudam a compreender a complexidade da questão. Sem a menor pretensão de sermos completos, podemos citar as dinâmicas do corpo e dos vínculos afetivos, as dinâmicas simbólicas, as dinâmicas tecnológicas, as dinâmicas colaborativas no cuidado do planeta e, ainda, as dinâmicas acadêmicas.

Dinâmicas dos corpos e dos vínculos

Em relação às dinâmicas relacionadas ao corpo e aos vínculos afetivos, estamos redescobrimo que toda comunicação começa no corpo e envolve os corpos de cidadãos dispostos a cultivar os vínculos e a participar de

processos tensionados por comunicação e incomunicação, no sentido do “compartilhar” ou “tornar comum” já presente na palavra latina *communis*. Apesar do exagero de informações a respeito do corpo e dos cuidados para uma vida saudável, nem sempre conseguimos perceber que os processos de comunicação deveriam deixar os corpos dos protagonistas da comunicação, inclusive os dos jornalistas, mais saudáveis.

Essas dinâmicas tensionam algumas práticas contemporâneas como o tempo diário que os jornalistas dedicam ao trabalho, a maneira como o trabalho invade o ambiente doméstico e os espaços lúdicos, o cultivo da habilidade de ouvir as fontes e, entre outros, o tempo que os profissionais gastam exercendo atividades centradas nos dedos, com a digitação, nos olhos, com as múltiplas telas, e nos glúteos, com o excesso do uso de cadeiras postadas diante das diversas telas usadas no trabalho. O quanto o corpo humano pode aguentar na convivência com tantas telas e possibilidades de comunicação torna-se uma questão fundamental quando consideramos que um crescente número de cidadãos, com destaque para os jornalistas, são progressivamente levados a não usar a tecla de desconexão.

Tratam-se de questões comunicativas que podem ser aprofundadas na linha de pesquisas já realizadas pelo jornalista e comunicólogo alemão Harry Pross (1923-2010) a respeito do corpo como meio primário de comunicação. Ou, ainda, nos trabalhos do sociólogo alemão Dietmar Kamper (1936-2001) quanto ao questionamento do uso do universo digital como variante da despedida do corpóreo e das pesquisas do brasileiro Norval Baitello relativas aos vínculos e ambientes de comunicação, entre outros.

Por outro lado, nos trabalhos de reportagem, a questão da proximidade física com o corpo do outro, quer

seja uma personalidade pública ou pessoa em situação de rua, é pouca abordada na formação dos jornalistas. Objeto de pesquisa do antropólogo estadunidense Edward T. Hall (1914-2009), a proxêmica, isto é, o estudo do espaço entre os indivíduos na convivência social, ainda é insuficientemente tomada como objeto de estudos nas pesquisas a respeito da comunicação e do jornalismo.

As questões ligadas ao corpo e aos vínculos também podem ser examinadas em termos de participação em rituais de vínculos de diferentes culturas ou de pertencimento social alimentado pelos afetos, a partir dos trabalhos de etólogos como o austríaco Irenäus Eibl Eibesfeldt e do francês Boris Cyrulnik. Esses temas, pouco considerados quando se limitam os estudos da comunicação às trocas informativas, enfatizam os processos de compartilhamento de emoções presentes nas relações humanas e no trabalho dos comunicadores, como observa a pesquisadora brasileira Malena Contrera quando investiga as noções de empatia e simpatia nas relações humanas.

Dinâmicas simbólicas

As dinâmicas simbólicas interessam de perto aos estudos de comunicação e jornalismo pelo fato de que, apesar de trabalharmos diariamente com os símbolos, nem sempre percebemos que, como já lembrou Harry Pross, eles vivem mais que os homens. As imagens arquetípicas, presentes na longa história dos sonhos das diversas culturas, alimentam nossos ideais cotidianos de colaboração e coparticipação no âmbito das relações sociais. No entanto, também podem ser observadas quando se cultivam notícias marcadas por polaridades que justificam as guerras ou pelas contendas no trato com os outros, isto é, com aqueles que não compartilham o mesmo território ou os mesmos valores. Pouco

conhecemos da forma como os símbolos nos movem, nos alimentam e também, muitas vezes, limitam nossas possibilidades de sonhar e construir mundos alternativos.

Por outro lado, as notícias pontuais sobre atividades bélicas fundamentadas em leituras das tradições religiosas, das torcidas organizadas de futebol e da força simbólica do carnaval, para citar algumas, ainda são carentes de abordagens a respeito dos símbolos, dos ritos, dos tambores tribais que continuam a convocar multidões e dos mitos que permeiam a comunicação na contemporaneidade. A pressa na informação cotidiana muitas vezes é usada como desculpa para interpretações rasas, que não consideram, por exemplo, que atrás de uma simples bandeira de um país ou de uma torcida organizada existe um exército de pessoas motivadas a lutar ou até a morrer por ela, como já lembrou o filósofo tcheco-brasileiro Vilém Flusser (1920-1991).

É possível que a pouca atenção ao universo dos símbolos seja fruto, entre outras, de uma visão cientificista que valoriza dados quantitativos testados e aprovados. O estudo dos símbolos, ainda precários na formação dos jornalistas, pode ser feito nas trilhas do filósofo germânico Ernst Cassirer (1874-1945), do psiquiatra e psicoterapeuta suíço Carl Gustav Jung (1865-1996) e, mais recentemente, nas pesquisas sobre jornalismo, diálogo e compreensão, desenvolvidos, no Brasil, por Dimas A. Künsch. Destacam-se, também, trabalhos a respeito das posturas de atores muito presentes nas coberturas jornalísticas como os revolucionários, os mártires e os terroristas, desenvolvidos pelo brasileiro Jacques Alkalai Wainberg; como o estudo dos mitos nos meios de comunicação desenvolvidos por Malena Contrera e, entre outros, as pesquisas a respeito dos jovens na cena *cosplay*, publicados por Mônica Ferrari Nunes.

Na medida em que relatam cotidianamente os acontecimentos, os jornalistas também os interpretam a partir da ampla riqueza do imaginário cultural ou noosfera. Filtram, retrabalham e ressignificam alguns elementos da noosfera e os compartilham em outra espécie de esfera imaginária própria, que a pesquisadora brasileira Malena Contrera chama de mediosfera. A maneira como elementos da ampla riqueza arquetípica da humanidade são filtrados, quando se interpretam os acontecimentos na esfera da mediosfera, é uma questão que ainda precisa ser abordada com maior profundidade na formação dos jornalistas.

As dinâmicas simbólicas aparecem também na produção de brasileiros como Edvaldo Pereira Lima e Monica Martinez. Lima trabalha a noção de jornalismo literário avançado, tendo desenvolvido o método que denomina “escrita total”, no qual o conteúdo simbólico é parte essencial. A base deste trabalho foi seu livro, atualmente na quarta edição, *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Martinez, por sua vez, em sua obra *Jornada do herói*, investiga, a partir de fundamentos na mitologia e na psicologia analítica, entre outros campos, como as estruturas narrativas míticas estão presentes na construção de histórias de vida em jornalismo.

Outra abordagem das dimensões simbólicas está presente quando observamos, como já fez Harry Pross, a participação dos jornalistas na atividade mediática de sincronização do tempo de vida das pessoas nas sociedades reguladas cronologicamente pelos relógios. Tal função de sincronização social dos então chamados meios de comunicação foi fundamental, especialmente, no contexto dos jornais diários e das emissoras de rádio e televisão até o final do século XX. O papel de sincronização social dos media continua sendo um grande tema

de pesquisa, na medida em que a administração do tempo por parte dos cidadãos está marcada por poucos horários das grades de programação estabelecidas, como os telejornais, e o potencial acesso a qualquer programação independente do horário de exibição.

Dinâmicas tecnológicas

As dinâmicas emergentes do uso dos aparatos técnicos que privilegiam a velocidade do tráfego de informações no contexto capitalista contemporâneo marcam profundamente a formação e atuação dos jornalistas. Enquanto os aparatos técnicos estão, como acenamos antes, constantemente online, os cidadãos que os usam ainda precisam descansar oito horas por dia e necessitam, para isso, desconectar os aparelhos por alguns períodos de tempo. Essas questões já foram levantadas pelo comunicólogo espanhol Vicente Romano (1935-2014) quando, a partir do debate sobre temas ecológicos relacionados à preservação do planeta, propôs uma ecologia da comunicação frisando, entre outros elementos, que a ampla capacidade técnica de interconexão deveria respeitar a capacidade de operação dos sentidos na comunicação face a face. Precitaria contar com o envolvimento do tato, do olfato, do gosto, além dos sentidos da audição e da visão ampliados por aparelhos eletrônicos que permitem ver e ouvir continuamente cenários ou acontecimentos de outros locais do globo.

O embaralhamento mediático das dimensões dos espaços e tempos vividos permitiu a emergência da chamada “condição glocal”, que, segundo o pesquisador brasileiro Eugênio Trivinho, borrou as separações entre público e privado, próximo e distante, coletivo e individual, interno e externo, coletivo e individual, familiar e heterodoxo, real e imaginário. Nesse contexto, além da opção radical e admirável de voltar aos campos e cultivar os frutos da terra,

os cidadãos acabam sendo apreciados – ou não – por suas competências de circulação mais ou menos veloz no contexto dos aparatos técnicos, isto é, mensurados por suas dromoaptidões, para usarmos o termo grego “dromo”, no sentido de celeridade e agilidade, como fez Paul Virilio.

As inúmeras formas de compartilhamento de informações no contexto das redes digitalmente conectadas fizeram com que também os jornalistas, antes valorizados por suas habilidades de dar furos de reportagem em publicações de notícias majoritariamente diárias, reinventassem os modos de sua atuação. Quando virtualmente qualquer pessoa próxima a um evento pode publicar informações a respeito, mesmo que isso não se enquadre necessariamente no termo jornalismo, o papel dos jornalistas passa a justificar-se por diferenciais de qualidade na seleção, apuração e edição do conteúdo noticioso.

Nesse contexto, para que os cidadãos e especialmente os cidadãos jornalistas não se tornem apenas funcionários de máquinas que trabalham sempre com maior velocidade de conexão, faz-se necessário um conjunto de aprendizados nos campos da *media literacy* estudados, entre outros, por Thomas Bauer, da Universidade de Viena, e das *social media literacies*, investigadas, entre outros, por Howard Rheingold, da Universidade da Califórnia em Berkeley e da Universidade de Stanford. Em sua obra *Net smart: how to thrive online*, publicada em 2012, Rheingold mostra como usar as mídias sociais de forma inteligente e humilde e descreve cinco letramentos digitais fundamentais ou habilidades para sobrevivência no universo das redes, como atenção, participação, colaboração, consumo crítico da informação ou detecção de bobagens e inteligência de rede.

A constante criação de aplicativos e outras inovações tecnológicas, marcadas pelos processos de obsoles-

cência programada e comercializadas como estratégia corporativa de imposição de uma monocultura informática global, fazem com que os jornalistas não se limitem a usar aplicativos para divulgação de conteúdos, mas também sejam desafiados a aprender noções de programação. É o que aconteceu recentemente, por exemplo, no processo pedagógico de reportagem/pesquisa e redação de verbetes com os nomes dos perseguidos políticos no período da ditadura (1964-1985) na Wikipédia, coordenado por João Alexandre Peschanski na Faculdade Cásper Líbero, em São Paulo. Em certo sentido, a atividade desenvolvida por Peschanski desafia os jovens a não se limitarem a atuar como funcionários dos aparelhos, termo usado por Vilém Flusser para descrever, na década de 80 do século passado, a maneira como na sociedade telemática crescia a tendência à transformação dos cidadãos em pessoas que brincam com aparelhos prontos e agem em função deles.

Por outro lado, pesquisadores brasileiros estão empenhados em analisar como as instituições universitárias promovem as habilidades tecnológicas no ensino do jornalismo no Brasil. Walter Lima Junior, por exemplo, destaca a necessidade do desenvolvimento de habilidades computacionais e a capacidade de extrair informações não triviais em grandes bases de dados e, se possível, transformá-las em narrativas visualmente amigáveis. Ele enfatiza que o mundo dos dados digitalizados supõe profissionais de informação de relevância social para extrair registros estruturados e produzir narrativas sintonizadas com a demanda informativa da sociedade contemporânea. Um profissional que atue como *hacking journalist*, aquele que, sem deixar de lado o cultivo dos princípios deontológicos da profissão, desenvolve habilidades de construção de sistemas para capturar e interpretar informações.

Dinâmicas colaborativas no cuidado com o planeta

Outras são as dinâmicas geradas pela colaboração ou corresponsabilidade no cuidado com o planeta como casa de todos, ou *Terra Pátria*, na terminologia de Edgar Morin. O termo colaboração é bastante desenvolvido nas plataformas de jornalismo colaborativo e em novos projetos de jornalismo, como a *Pública*, agência de reportagem e jornalismo investigativo, o *Nexo Jornal* e o grupo de mídia global conhecido como *Vice*, que reúne 36 redações espalhadas por mais de 25 países. Trata-se de projetos em construção, semelhantes a outros que os precederam, como é o caso da *Global Voices*, fundado em 2004, que se define como “uma comunidade de mais de 1.400 escritores, blogueiros, analistas, jornalistas, especialistas de media online e tradutores espalhados pelo planeta que trabalham juntos na cobertura de blogs e das redes sociais de toda a parte, dando ênfase às vozes que não são normalmente escutadas pelos veículos de comunicação social internacional”. Ou ainda, no Brasil, o coletivo *Mídia Ninja*, que se destacou a partir da forma como envolveu muitos protagonistas, não necessariamente jornalistas, na convocação dos manifestantes e na cobertura das manifestações de rua realizadas especialmente em junho de 2013 em várias cidades brasileiras.

As dinâmicas colaborativas estão presentes nas práticas e reflexões a respeito dos recursos pedagógicos abertos, desenvolvidas por Bianca Santana e Nelson Prieto, e nos debates sobre o Marco Civil na Internet, a partir de pesquisas e ações políticas desenvolvidas por Sergio Amadeu da Silveira, da Universidade Federal do ABC, e Ronaldo Lemos, do ITS, o Instituto Tecnologia & Sociedade do Rio de Janeiro. Tais discussões consideram temas que muito interessam aos jornalistas, como a importância sociocultural do software livre, da crítica ao conhecimento proprietário

e do debate a respeito do conhecimento como construção comum, como acontece nas licenças *creative commons* quando artigos, pesquisas e livros podem ser copiados, distribuídos, transmitidos ou remixados, desde que se cite a fonte e se distribua sob a mesma licença.

A perspectiva colaborativa, presente desde os primórdios nas formas de vida e organizações sociais, vem à tona nos debates internacionais a respeito da crescente consciência de cuidado com o planeta tratada em conferências como a ECO 92 – Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, realizada no Rio de Janeiro, em 1992, e a COP 21 – Conferência da ONU sobre Mudanças Climáticas, realizada em Paris, em 2015. Tal perspectiva acentua a função pública dos trabalhos dos jornalistas e exige uma formação que considere o que o filósofo e sociólogo francês Edgar Morin chamou de sete saberes necessários à educação do futuro: a percepção das cegueiras do conhecimento quando limitado apenas à visão científica do mundo; a importância da admissão do erro e da ilusão em qualquer interpretação dos fatos; os princípios do conhecimento pertinente; o aprendizado da condição humana; o ensino da identidade terrena; a disposição para o enfrentamento das incertezas; o aprendizado da compreensão e da ética do gênero humano.

Para o jornalismo, essas questões estão inseridas no conjunto de processos comunicativos marcados, conforme terminologia de Vilém Flusser, pela tensão entre discurso e diálogo. Considerando que os discursos reforçam o que já está convencionalizado e os diálogos implicam em abertura frente às provocações do outro, a ação dos profissionais da comunicação se faz nas fronteiras entre um e outro. Quando grande parte da comunicação chamada instrumental ou das indevidamente denominadas ferramentas da comunicação é usada para manutenção dos discursos, os cida-

dãos, e entre eles os jornalistas, são desafiados a apostar preferencialmente em posturas dialógicas. Tal desafio é tão grande que Dietmar Kamper chegou a reivindicar a necessidade de se pensar contra o pensamento, de se questionar as próprias afirmações quando até as opiniões contraditórias desaguam nas chamadas tautologias que, como lixo linguístico, entopem as últimas lacunas do mundo homogeneizado pelos meios de comunicação. Tal desafio de se desconfiar das próprias afirmações pode ser um caminho aberto à dialogia, isto é, às mudanças que fontes, fatos, rostos sem esperança, tensos ou sonhadores, rostos dos que habitam os lixões e os edifícios luxuosos provocam nos homens e mulheres de nosso tempo, em especial naqueles que se propõem a exercer o jornalismo como profissão.

Dinâmicas acadêmicas

As mudanças na formação e atuação dos jornalistas estão a pleno vapor. Implicam um progressivo diálogo entre instituições de ensino, jovens estudantes, pesquisadores, empreendedores, corporações de media e grupos de protagonistas que se propõem a ser um pouco mais independentes das tendências exageradamente mercadológicas. Análises críticas podem ser acompanhadas em redes que alimentam o debate a respeito do jornalismo, como o *Observatório da Imprensa*, nas publicações dos sindicatos e nos trabalhos da Federação Nacional dos Jornalistas – Fenaj. Pesquisas científicas a respeito são apresentadas anualmente nos congressos da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom e nos encontros anuais da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação – Compós.

Por outro lado, no conjunto de publicações científicas na área da Comunicação destacam-se duas, voltadas especialmente ao jornalismo: a *Brazilian Journalism Rese-*

arch – BJR, publicada em edição bilíngue pela Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo – SBPJor, e a *Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo – Rebej*, publicada pelo Fórum Nacional de Professores de Jornalismo. Nesse contexto, na segunda década do século XXI, os cursos de jornalismo de todo o Brasil se reorganizam a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Jornalismo, publicadas pelo Ministério da Educação.

Caminho a percorrer

As dinâmicas elencadas podem permitir o crescimento da consciência de que os processos de comunicação, entre eles aqueles próprios dos jornalistas, não se constituem naquilo que muitos empregadores contemporâneos ainda chamam de ferramentas de comunicação, em sentido instrumental. Uma reportagem publicada online ou mesmo um cartaz usado na comunicação interna de uma organização não deveriam ser tratados apenas como ferramentas de comunicação. Constituem parte de processos comunicativos que podem ser estudados de forma sistêmica, considerando que toda comunicação começa no corpo e para ele retorna, compreendendo que os atores participam dos processos e estão envolvidos nos mesmos. Tal perspectiva permite perceber que os protagonistas, entre eles os jornalistas, compartilham de uma ecologia da comunicação, da qual participam, como se executassem uma sinfonia, os corpos, as imagens e os sons, os textos escritos e as diversas expressões compartilhadas em sistemas codificados na forma de zero e um do universo digital.

As dinâmicas apontadas não compreendem a riqueza das abordagens em constante desenvolvimento no estudo a respeito da formação e atuação dos jornalistas. Pretendem apenas lembrar ao autor e aos leitores que temos um longo caminho a percorrer, posturas a

desenvolver, visões de mundo a afirmar ou contestar. Considerando que a contestação, como enfatiza Vilém Flusser, é a mola propulsora de todo pensar, trata-se de um texto a ser contestado.

Referências

- BAITELLO Jr., Norval. Os sentidos e as redes: considerações sobre a comunicação presencial na era telemática. In: BARBOSA, M.; MORAIS, O. J. (Orgs.). **Comunicação em tempo de redes sociais**. São Paulo: Intercom, 2013, p. 59-65.
- BAITELLO Jr., Norval. As capilaridades da comunicação. In: BAITELLO Jr., Norval. **A serpente, a maçã e o holograma**. Esboços para uma Teoria da Mídia. São Paulo: Paulus, 2010. p. 103-113.
- BAITELLO Jr., Norval. **O pensamento sentado**: sobre glúteos, cadeiras e imagens. São Leopoldo: Unisinos, 2012.
- BAUER, Thomas A. O valor público da media literacy. **Líbero**, São Paulo, v. 14, n. 27, p. 9-22, 2011.
- CASSIRER, Ernst. **Antropologia filosófica**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- CONTRERA, Malena. Vínculo comunicativo. In: MARCONDES F., Ciro. (Org.). **Dicionário da comunicação**. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2014. p. 459.
- CONTRERA, Malena. **Mídia e pânico**. Saturação da informação, violência e crise cultural na mídia. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2002.
- CONTRERA, Malena. Simpatia e empatia. Mediosfera e noosfera. In: BAITELLO JR.; WULF, Christoph. (Orgs.). **Emoção e imaginação**: os sentidos e as imagens em movimento. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014, p.141-150.
- CONTRERA, Malena Segura. **Mediosfera**: meios, imaginário e desencantamento do mundo. São Paulo: Annablume, 2010.
- CYRULNIK, Boris. **Os alimentos do afeto**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- EIBL-EIBESFELDT, Irenäus. **El hombre preprogramado**. Madrid: Alianza, 1983.
- FERRARA, Lucrécia D'Alessio. **Comunicação, mediações, interações**. São Paulo: Paulus, 2015.
- FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma

futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

FLUSSER, Vilém. **Comunicologia**: reflexões sobre o futuro. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

HALL, Edward. **A dimensão oculta**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

JUNG, Carl Gustav. **Fundamentos de psicologia analítica**. Petrópolis: Vozes, 1985.

KAMPER, Dietmar. **O trabalho como vida**. São Paulo: Annablume, 1997.

KAMPER, Dietmar. O padecimento dos olhos. In: CASTRO, Gustavo et.al. (Orgs.). **Ensaio de complexidade**. Porto Alegre: Sulina, 1997. p. 131-137.

KAMPER, Dietmar. Corpo. Fantasia. Imagem. Loucura. Disponível em: <www.cisc.org.br> . Acesso em: 15 jun. 2015.

KÜNSCH, Dimas A. Comunicação e pensamento compreensivo: um breve balanço. In: KÜNSCH, Dimas A.; MARTINO, Luís Mauro Sá (Orgs.). **Comunicação, jornalismo e compreensão**. São Paulo: Plêiade, 2010, p. 13-47.

KÜNSCH, Dimas A. et al. (Orgs.). *Comunicação, diálogo e compreensão*. São Paulo: Plêiade, 2012. Disponível em: <<http://cas-perlibero.edu.br/mestrado/>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

LEMONS, Ronaldo. **Futuros possíveis**: mídia, cultura, sociedade, direitos. Florianópolis: Sulina, 2012.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4^o ed. Revista e ampliada. São Paulo: Manole, 2009.

LIMA, Edvaldo Pereira; MARTINEZ, Monica. Eliane Brum: new star in Brazil's literary journalis firmament. In: KEEBLE, Richard; TULLOCH, John. (Orgs.) **Global literary journalism**: exploring the journalistic imagination. Vol. 2. New York: Peter Lang, 2014.

LIMA JUNIOR, Walter Teixeira; ROSA, André. Habilidades tecnológicas e ensino superior em Jornalismo no Brasil: observação das exigências contemporâneas e seu contraste com as grades curriculares. **E-Compós**, Brasília, v. 18, p. 1-22, 2015. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/1117/824>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

LIMA JUNIOR, Walter Teixeira. The data, APIs and toolkit in the production of information of social relevance (news). **Revista**

- Famecos**, Porto Alegre, v. 22, p. 31-47, 2015. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/19811/13216>>. Acesso em: 20 nov. 2015.
- MARTINEZ, Monica. **Jornada do herói**. A estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2007.
- MEDITSCH, Eduardo. **Pedagogia e pesquisa para o jornalismo que está por vir**. A função social da Universidade e os obstáculos para a sua realização. Florianópolis: Insular, 2012.
- MENEZES, José Eugenio de O. Comunicação dialógica e comunicação discursiva em Vilém Flusser. In: COSTA, Murilo Jardimino da (Org.). **A festa da língua**: Vilém Flusser. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2010, p. 53-61.
- MENEZES, José Eugenio de O.; MARTINEZ, Monica. Jornalismo e tempo profundo: o trabalho de Nelson Araújo no Globo Rural. KÜNSCH, Dimas A.; SILVA, Gislene. et al. (Orgs.). **Jornalismo contemporâneo**. Figurações, impasses e perspectivas. Salvador: EDUFBA/Compós, 2011, p. 181-202. Disponível em: <http://www.compos.org.br/ler_publicacoes.php?idPublicacao=MjM>. Acesso em: 10 nov. 2015.
- MENEZES, José Eugenio de O.;. Ecologia da comunicação: som, corpo e cultura do ouvir. **Libero**, São Paulo, v. 18, n. 36, p. 111-118, 2015. Disponível em: <<http://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2015/12/Jose-Eugenio.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2015.
- MORIN, Edgar. **O enigma do homem**. Para uma nova antropologia. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. **Terra-Pátria**. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez/Unesco, 2000.
- PESCHANSKI, João Alexandre; MORAES, Renato. A comunicação democrática, uma utopia real. **Communicare**, São Paulo, v. 13, p. 53-63, 2013.
- PRADO, Magaly. **Webjornalismo**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.
- PRADO, Magaly. **Ciberativismo e noticiário**: da mídia torpedista às redes sociais. Rio de Janeiro: Alta Books, 2015.
- PROSS, Harry. **Zwänge**. Essay über symbolische Gewalt. La violencia de los símbolos sociales. Trad. Vicente Romano. Barcelona: Anthropos, 1989.

PROSS, Harry; ROMANO, Vicente. **Atrapados en la red mediática**: orientación en la diversidad. Hondarribia: Argitaletxe Hiru, 1999.

Rheingold, Howard. **Net smart**: how to thrive online. Cambridge/London, MIT Press, 2012. Disponível em: <<http://hci.stanford.edu/courses/cs047n/readings/rheingold-net-smart.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2015.

ROMANO, Vicente. **Ecología de la comunicación**. Hondarribia: Editorial Hiru, 2004.

SANTANA, Bianca; ROSSINI, Carolina; PRETTO, Nelson de Luca. **Recursos educacionais abertos**: práticas colaborativas e políticas públicas. São Paulo/Salvador: Casa da Cultura Digital/EDUFBA, 2012. Disponível em: <<http://www.livrorea.net.br/livro/livroREA-1edicao-mai2012.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

SILVA, Maurício Ribeiro da. **Na órbita do imaginário**. Comunicação, imagem e os espaços da vida. São José do Rio Preto: Bluecom; São Paulo: Unip, 2012.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu. (Org.). **Cidadania e redes digitais**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil / Maracá - Educação e Tecnologia, 2010.

VIRILIO, Paul. **A velocidade de liberação**. Lisboa: Relógio d'Água, 1998.

SCOLARI, Carlos A. Media ecology: exploring the metaphor to expand the theory. **Communication Theory**, v. 22, n. 2, p. 204-225, 2012.

SOUZA, Mauro Wilton de; CORRÊA, Elizabeth Saad. (Orgs.). **Mutações no espaço público contemporâneo**. São Paulo: Paulus, 2014.

TRIVINHO, Eugênio. (Org.). **A condição glocal**: configurações tecnoculturais, sociopolíticas e econômico-financeiras na civilização mediática avançada. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2014.

WAINBERG, Jacques A. **Revolucionários, mártires e terroristas**. A utopia e suas consequências. São Paulo: Paulus, 2015.